

UMA NOITE

Havia trovões? Havia relâmpagos? A noite negra faiscava e rugia?

Ainda bem. A vida da Natureza comprehendia-o, sentia como elle. Era o mesmo negrume, a mesma ventania, o mesmo cachoar de forças mais oppostas, com uma ou outra estrella a lucilar!

Só aquelle gabinete atapetado, aquellas faianças, aquelles quadros, aquelles moveis commodos — todo aquelle elegante escriptorio onde se não escrevia e apenas tomava chá, miudinho, insignificante, todo apparencia, contradizia, amesquinhava, como talvez, no fundo, contradissem e amesquinhasse o proprio caso em si.

Precisava vender, partir, escaqueirar, fazer desaparecer tudo aquillo, todo aquelle polido lixo de cidade. A sua exaltação, o seu desespero, a sua dor, ou fosse o que fosse que, naquella hora, o agitava, só numa prisão, numa mansarda com fome, ou no mar alto, vivendo a lucta de um naufragio, se poderia coherentemente, harmonicamente encontrar.

Se lhe appetecesse dançar, viver as luzes, as joias, os decotes, os appetites, a existencia *baton* e pó de arroz, ligeiro, frivolo e sensual como as pernas das mulheres calçadas cõr de carne, estaria sem duvida numa masmorra, teria fome e sentiria a caspa.

Que vida miseravel! Nem sequer se morria quando a alma completamente agonizava! Algumas arrancadas heroicas? E' possivel. Que importava?! Nada compensado, nada comprehendido, nada que se visse e ouvisse vibrar, numa marcha cerrada, para a victoria ou para a morte, ao som de mil clarins!

Ella mesmo, áquella hora, enquanto elle, como uma fera, passeava ou desesperadamente mordida os ferros das jaulas em que os seus proprios pensamentos o mettiã, numa cama de estylo, comprada num ferro-velho, provavelmente dormia e resonava.

Mentira, faltára? Naturalissimo. Um bilhete perfumado, sereno, de optimo papel, sem dizer nada, no dia seguinte remediaria tudo. A vulgaridade cuidada com o maior cuidado: a elegancia. E estava arrumado o incidente — porque era mesmo incidente o que ella lhe chamaria.

D'elle nada adivinhava, nada sentia. O cachoar das suas mais bellas e verdadeiras horas de paixão assustava-a ou, então, divertia-a, dava-lhe vontade de lhe atirar pedrinhas, de longe, sem se debruçar sequer para ver bem.

Não, não havia nella coisa alguma: era commum, era a existencia, era uma rua central de qualquer cidade, ambiente de casa de chá, jardim publico, bosque com arvores aparadas, theatros, cinemas, thermas, logares de verão, com algumas leituras de Farrère ou Pierre Louys. Um bustosinho de Sappho, uma bonita sonhadora de estatueta de industria artistica, para deitar fóra ou para decorar qualquer vida que não fosse a d'elle. Comtudo, no dia seguinte

escreveria, explicaria — e elle continuaria, não a veneral-a — nunca o tinha feito, — mas a consentil-a.

Passeava sempre. Olhou para a cadeira onde ella costumava sentar-se. Viu-a deante de si, viu-a levantar-se, mover-se sem causar um ruido, muito esguia, muito elegante, muito fina, toda de negro, deitando um vago olhar á sua volta, do alto da sua admiravel garganta de garça real. Viu-a tocar as coisas ao de leve, só com as pontas dos dedos, ou escutal-o, um pouco inclinada, numa attenção impeccavel, mas em que havia sempre alheamento.

E, na penumbra, em que se esboçava a alcova contigua, os seus olhos reparando na commoda negra, de vinhatico, lembraram-lhe uma tarde em que encostada a essa commoda, ella pendera a cabeça, desmaiada, macerada por uma pallidez de cadaver em que havia, nas palpebras e ao redor dos olhos, tenuissimos tons d'um roxo de crepusculo ou de manhã nascente.

Essas recordações perturbaram-no. Havia nella coisas acabadas, perfectas. Mas atravez d'essa suavidade conseguida p'la harmonia do conjunto do desenho das linhas, o seu sentimento não via o fundo d'um temperamento servil, colleante, calculista, vaidoso e lodacento, que ella instinctivamente revelava com apparencias distinctas?

Era horrivel! Precisava acabar, acabar já, naquella mesma noite! Por orgulho, por intelligencia, por virilidade mesmo, devia libertar-se d'aquelles maples que nem sequer vinham de Londres e d'aquella mulher que agradava só ao que nelle havia de peor.

Tel-a só para a ter, como quem tem uma elegante e cara amphora de vicios? Para isso precisaria pôr muitos massos de notas entre a sua alma e ella — e isso não lh'o consentiria ella nunca. Vender-se-hia a toda a gente menos a elle. E elle mesmo ficaria contente reduzindo-a a tanto?

Era acabar. Tinha-lhe escripto de tarde, cynicamente, no regresso do lugar onde ella devia apparecer. Levar-lhe-hia essa carta, atirar-lh'a-hia sem uma palavra. Estava bem, estava mal? Que importava? Que era aquillo? Qual a sua sinceridade, a sua belleza, o seu valor dentro da Vida? Teriam os seus olhos alguma vez reparado nas estrellas, nas montanhas, nas lagrimas das mães ou no sangue que esbraseia a bocca dos namorados quando o coração bate forte e é bom, é são, é generoso e é nobre? Em frente do Mar sentiria mais que o appetite de se aninhar nos beliches e de passear ricas farrapadas nas toldas dos transatlanticos, a desenhar attitudes, enlevada em si mesma? E a dedicação, que a toda a hora lhe affirmava, não o deixava sempre como se ella não sentisse dedicação nenhuma?

O que acontecia no mundo se ella desaparecesse? O valor da sua existencia iria além do valor de existencia de qualquer cavallo de concurso ou de corrida, capaz de provocar apostas a quem o visse parado, mas que, por falta de sangue, de lealdade ou de fundo, ia ficando vencido até acabar em guano?

Não era com um sorriso de commiserção que elle devia envolver essa figurinha com duas grammas de peso, que elle não despedaçava só por ser

tão facil de despedaçar e que se atrevia a jogar altivamente com' essa certeza, como se ella, em vez d'uma esmola que lhe era concedida, fosse a orgulhosa e nobre consciencia d'um valor? E não era tambem com uma fria ironia piedosa que elle devia encarar o proprio interesse que ella despertava nelle? Nelle? . Nelle, não. Nelle, miseria, insignificancia, vilissima fragilidade humana. Ou nem isso.

As suas exaltações, duvidas, abatimentos e doidos desesperos . . . — todo o turbilhão de paixões que elle nem a si mesmo confessava, e o sacudiam, e lhe atiravam com o pensamento para as descobertas inesperadas de novos mundos do sentir — era apenas elle, apenas a sua vida excessiva a galopar selvaticamente nas brenhas e nas planuras da sua mocidade, levando-lhe o coração, como se fosse um corpo virgem amarrado p'los cabellos á cauda d'um cavallo largado á desfilada!

Ella seria quando muito um *motivo*, o acaso indifferente e anonymo que só se torna grande quando inflammado p'lo amor ou p'lo genio de alguém. Que tinha, portanto, com a sua agitação? Para que devia elle confessar-lh'a? Qual é o esculptor que falla do fogo sagrado da sua emoção ao pobre modelo encontrado ao voltar d'uma rua? Seria justo julgal-a — a ella a quem nem esse amor á musica de que fallava cheia dera nunca o cunho das almas capazes de se devotar — seria justo fallar-lhe como a um collaborador que sentisse aquelle violento sopro da vida que tudo dramatizava? Como ella desapparecia só por se lhe dirigirem semelhantes perguntas! E que valeria mesmo que ella a sentisse?

Sim, era a carta pretenciosa, superficial, janota, que lhe devia entregar, serenamente, naquella mesma noite. E, sem luvas, sem bengala, um amplo casacão de gola erguida, sahiu.

Deixara de chover. Um silencio espesso cahia, pesava como uma sinistra e muda anciedade. As sombras do casario avolumavam — e os novos arruamentos encharcados, afundados na treva, espelhavam como cisternas as lampadas electricas, que derramavam um pallor desbotado e frio, coado atravez da bruma densa.

Só a espaços os trovões rolavam ainda sobre o amontoado dos bairros adormecidos. Breves relampagos faiscavam. E, de longe a longe, como uma furna de bruxas ou um covil de feras batido por lumieiras, toda a noite da cidade era esquadrinhada por um jacto de luz luarento, vindo dos holophotes do Mar.

Que noite admiravel para que toda a humanidade, sob o chicote d'um genio, derruisse idéas, monumentos, civilizações, deixando sómente a evoluar-se, acima da desolação, a pureza do sonho da maior belleza dos aspectos futuros! Mas, quando assim não fosse, que, ao menos, esporeada pelos instinctos, interiorizada no seu drama inicial, amasse, odiasse, assassinasse ou, sentindo se açaimada e impotente, apenas miseravelmente bramisse!

Começavam a interessal-o os aspectos da noite e a projecção da sua vida feita nelles. Mesmo sem dar por isso, retardou a marcha, tomou o ca-

minho mais longo — e abandonou-se ao prazer de possuir as almas e as imagens das cousas, ao mesmo tempo que, por um duplo esforço inconsciente, ia estudando o seu poder de observar, de sentir, de construir e de descrever, ao ponto de chegar a compor e a emendar as linhas dos períodos que mentalmente traçava.

Desembocou numa praça ampla, em que havia, ao centro, uma estatua de bronze indiferente aos trovões. E, descobrindo a cidade em collinas de treva semeadas de luzes, e, mais ao longe, os pharoes da barra a coriscar, parou um instante, respirou fundo e sentiu o peito dilatar-se-lhe.

Era admiravel!

A cidade, vista d'esse alto, alargava-se, crescia em vagalhões de sombras picadas de lumareus scintillantes, rolava para além do rio, enchia a noite, ultrapassava as fronteiras — e, no seu largo olhar, tornava-se o largo mundo de trevas e de luzes onde todos os cerebros e todos os corações exaggerados e fortes luctavam e se debatiam.

A sua alma desopprimia-se numa crescente sensação de liberdade e de dominio. Por um milagre, via que deixava de soffrer o seu soffrimento apenas estreitamente, insignificamente, dentro só de si. As luctas do seu coração desordenado e violento, tambem em vagalhões, como as sombras da noite da cidade, passavam os limites do seu peito, innundavam, rolando mundo além, sob a attracção do céu e das estrellas — e, porque no cachão das suas fúrias ou no doce rumor das suas maguas se escutava, como no Mar, a voz de muitas vozes, elle sentia-se o unico senhor da noite e do silencio que o cercava.

Continuou a caminhar. Erguia a cabeça, calcava a terra com força. E, atravez das praças largas, ruas e avenidas, escutando sempre as vozes da tempestade e do seu coração, scenas de Shakespeare, paginas de Balzac, tercetos de Dante, versos de Byron e de Camões acudiam-lhe á memoria transfigurados, cercados d'um resplendor de verdade divina, fulgindo noutra vida tão bellos e eternos como o raiar do sol ou o scintillar dos astros!

A ventania, uivando, voltava a esbagoar as nuvens negras em bategas cerradas de chuva e de granizo. Toda a cidade, com algares de luz nas depressões, enxames de luzes á volta das collinas, poças de agua brilhando nos macadams escavados, predios ás escuras e rajadas sacudindo as moitas e os arvoredos, tinha o tragico socego d'um monstro adormecido num somno de convulsões e pesadellos.

Mas o vento cachoando de encontro ás alvenarias e aos cimentos armados não era o vento cujo echo andava nos seus ouvidos. Uma saudade feita de lembranças selvagens, numa allucinação, crescendo, avolumando, como os cerros d'uma cordilheira, erguia-se, na sua memoria, toda a grandeza dos brenhos, dos matagaes, das serranias onde os lobos uivam, as bruxas se acoitam, os genios fallam baixinho e a furia do vento bate, de noite, em loucas galopadas.

Como elle estava distante d'essas torvas eminencias coroadas por collosaes diademas de penedos, de onde as aguias levantam o seu vôo, olhando,



d'essa eternidade immutavel, os doces gorgeios, os prados, as varzeas, os pomares — o idyllio tenro, viçoso e perecível dos valles e das planuras odorantes !

Como a sua alma se afastara do religioso convívio d'essas creações geniaes da Natureza de encontro ás quaes o proprio Mar se quebra vencido — e que são sempre as ultimas a anoitecer e as primeiras a ver o sol nascente !

Tinha chegado em frente á casa d'ella. Ficou humilhado, soffrendo por ella afinal existir — e toda aquella agitação interior, que lhe levava o entendimento para além do que sabia, como os ventos e as ondas outrora tinham levado para outros continentes as armadas das naus e das caravellas, estar, como estava, assente sobre um grão d'areia e não ser sómente o vôo puro d'um espirito em exaltação creadora. Passou adeante, mas breve voltou — e andou ao redor da casa, rondando, hesitando, raivando.

Perto aguardava um nocturno, de negro, informe como um menhir, com uma luz redonda e desbotada a scintillar-lhe na barriga.

Os beiços arregaçaram-se-lhe num riso mudo. Até havia homens que punham um barrete, um casacão, uma luz na pança, e passavam as horas e passavam as noites e passavam a vida á espera, á espera, á espera, abrigados por uma arvore ou por um portão !...

Decidiu-se. Atirou-lhe um berro, comprou-o, obrigou-o a abrir-lhe a porta que devia dar para o terraço, e subiu, adivinhando o caminho, sem um ruido, com uma lucidez de somnambulo, de amante ou de criminoso. Que ia fazer ? Não sabia.

Deixara de chover. O vento acalmara. Só espaçados relampagos rasgavam a noite ; e, de longe em longe, trovões distantes rondavam.

Havia um frio de cisterna, no vão alto e humido por onde a escadaria caracolava, molhada e viscosa como uma serpente de ferro. Todas as coisas tinham para elle aspectos e sentidos novos, que o seu espirito vivia mas nem sempre fixava, multiplamente sollicitado p'las emoções mais diversas.

Pareceu-lhe o tempo infinito d'uma condemnação abominavel o tempo que gastou a subir. Ia cego como uma toupeira, rastejava como uma argançã e sentia na sua pelle a lama suja e o lodo onde as minhocas engordam.

Novas ondas de odio e de desprezo o sacudiam. Vinham-lhe á bocca, com resaibos de impetos criminosos, todas as maldições d'um forçado. Um relampago illuminou-lhe uma fiada de janellas. Percebeu que tinha chegado ao terraço, e, sem saber porquê, calculou que a janella do quarto d'ella era a terceira. Bateu ao de leve nos vidros, e chamou com força, numa voz abafada como o sopro d'um toiro.

Não pensou que se podia enganar, apparecer-lhe um homem, ter uma lucta violenta alli, naquelle pequeno espaço, ou ser varado por um tiro. Não pensou nisso. Sabia que, mesmo que acontecesse, não seria elle o vencido. O impulso que o levara, a vida que havia nelle, era mais forte do que tudo.

Esperava sem um receio, sem um temor e sem outra arma que não fosse a força infinita que sentia nos seus braços. Mas ninguém respondeu. Os relâmpagos espectralizavam, cortavam na treva subitas aparições. O frio arripiava-o, tiritava. Cahia o mesmo silencio de tempestades dormindo. E as suas mãos, crispadas, enclavinhavam-se como se segurassem punhos de punhaes.

Chamou outra vez. Collou a cara aos vidros. Dentro havia um pallor doce e brando de lampadario, em que fluctuava o socego do somno, o ar tepido dos sonhos e do repousar confiado. Apercebia-se, ao fundo, o vulto d'um leito onde elle adivinhava, esboçados em visão, os contornos d'esse corpo esguio e pallido que tantas, tantas horas junto do seu vibrara, contorcendo-se como uma haste queimada num incendio ou batida por um vendaval.

Como seria carinhoso, como seria melhor, que, em vez de se encontrar alli a rugir, estivesse cheio de amizade e de reconhecimento, acreditando nella, achando mil pequenos encantos a tudo, e saber que accordaria para o receber, num alvoroço, ao de leve rosada, enlanguescida p'lo somno, a transbordar de ternura e de sollicitude! Porque não era assim?! Que queria ella, afinal, complicando, torcendo, não sendo nunca simples, espontanea, leal, não tendo nunca a coragem dos seus defeitos ou dos seus vicios nem tampouco o querer humilde e forte d'uma alta virtude — e se amesquinha sempre, sempre dubia, apparecendo agora bondosa e desinteressada e surgindo logo a seguir escura, e mysteriosa, cheia de reservas e de abysmos em que a imaginação d'elle se despenhava?

Chamou de novo.

A noite voltava a bramir. Luziam algumas estrellas. E farrapões de nuvens mais negras que a negrura passavam sobre a cidade, levadas p'lo vento como fantasmas informes de aguias ou de abutres de azas desfraldadas.

Tudo vivia um momento eterno de grãdeza dolorosa e desesperada. Mas se elle não estivesse alli, naquelle terraço assente em ferro, industrial, mesquinho, e se encontrasse só, liberto de si mesmo, ouvindo o concerto infinito das fúrias na natureza, o seu pensamento poderia voar como as aves das cumieiras, sem que o amarrasse e o inferiorizasse toda a tristeza vil, cansada e abatida do pobre soffrimento do coração humano. Ah, como se sentia escravo! Como se odiava ao saber-se vencido p'la grilheta d'um desejo ou d'um sentimento que só lhe merecia desprezo e que o dominava comtudo! Como elle naquelle momento era igual a qualquer perro desvairado p'la quadra do cio, ou a qualquer galeriano cedendo á tentação d'um novo crime!

E ella continuava sem o adivinhar, sem o ouvir!

Como sempre que as suas boccas não estavam colladas, sentia-a longe, extranha, indifferente, sem que a vida d'elle se lhe communicasse nunca. Mas se era assim, se aquelle corpo pallido, fragil e flexuoso só vinha para elle, colleando como uma serpente esfomeada, para se cevar no prazer d'ou-

tro corpo, para que fallava ella? Para que tinha gestos e attitudes de tanta e tão delicada humanidade? Para que dizia palavras que só lhe pertenceriam no dia em que soubesse o seu significado sentindo o? Porque não era ella muda e viscosa como um reptil?

Como a odiava, como lhe odiava os lindos seios pequeninos, os rins que ondeavam, o ventre que se collava ao d'elle, os braços delgados, esqueleticos quasi, que o não largavam, que o convulsionavam num estertor amoroso, d'um extranho prazer violento e macabro, como se tivesse a morte por amante; os olhos enormes, negros e dormentes como a agua turva d'um fundo de cisterna; e essa bocca de labios finos e humidos, d'um sabor limoso e morno, que se distendia e o beijava collando-se á bocca d'elle até que os dentes de ambos batessem uns nos outros!... Como odiava tudo o que vinha d'ella e o levará alli!

E não devia rebentar aquelles vidros, não devia ir estrangulal-a, não devia incendiar a cidade, não devia pôr a humanidade inteira a ulular — e devia simplesmente ir-se embora, sem despedir sequer um grito ou um clarão!

Voltou a chamar. Nada. Apenas a chuva cahia, em bategas certas e calmas, repassada de abatimento e de tristeza, como se agora o céu negro e sinistro já só pudesse chorar a dor de um grande lucto.

Encaminhou-se para a escadaria e começou a descer.

Porque não ficara elle uma fera ou um homem primitivo, reflexo immediato da scisma bruta dos montes ou do bramir das tormentas? Porque não obedeciam já os seus braços aos seus instinctos, e mil meandros invisiveis o algemavam, deixando, só para maior desespero, o seu pensamento, cada vez mais insatisfeito e mais forte, a rolar e a extravazar como a caudal d'uma cheia? — A civilização... a civilização!...

E parou de repente, sentindo chamar p'lo seu nome numa voz que parecia vir de dentro d'um sepulchro, tão debil que era impossivel fazer-se ouvir, e, como um perfume, tão perceptivel que distinctamente se ouvia. Perdeu por completo o sentimento das realidades. Os segundos eram epochas, seculos, edades inteiras. Os ouvidos zumbiam-lhe. Os olhos erguiam dos esconsos e recantos duendes, avejões, manipanços, azas de morcegos, caveiras, labaredas, fórmas chaoticas que avançavam para elle maiores do que montanhas, abrindo bocarras de treva desmedida, e, em seguida, se diminuiam, acaçapavam, collavam á terra, ficando tão pequenas como sapos a rir ás gargalhadas da sua allucinação!

A mesma voz repetiu o chamamento como se estivesse no fundo ou no cimo d'um abysmo. E d'essa vez reconheceu-a. Era a d'ella. Era ella propria que o chamava, para que elle não fosse assim. As suas mãos crispavam-se — e subiu ligeiro como um gamo.

Esperava-o á janella, roupão branco sobre a pelle, cabellos soltos, garganta nua, os seios quasi descobertos. Apanhava o frio da noite sem um arrepio e olhava a tempestade e as trevas serena e immaculada como a alvura d'um marmore d'uma estatua de parque. Quando elle se approximou, os seus

braços, tão lentos como um remansado erguer de azas de cysne, quizeram envolvê-lo.

— Doido! Escrevi-te. Deves receber amanhã...

Mas não continuou. Os braços penderam-lhe e fixou-o, num espanto quasi de terror.

— Que tens?...

Depois, de novo calma, voltou a tentar abraçá-lo, puxá-lo para si.

— Ouve: porque me não beijas? Porque não me dás um beijo?

Elle tremia como um assassino acovardado p'la inconsciencia da victima. Do corpo d'ella subia, como do sagrado thuribulo d'um templo da sensualidade, o odor do seu leito e esse aroma quente das curvas e dos contornos perturbantes.

Estava linda, assim, de branco, quasi nua, cabellos soltos como um temporal, vestindo essa apparencia immaculada e fria da alvura dos marmores vistos de noite. Tinha a divina belleza d'uma extranha obra d'Arte e o amoroso calor dum corpo de mulher. Uma onda de desejo sacudiu-o, fel-o cambalear. Enlaçou-a, e a bocca d'elle collou-se á bocca d'ella, soffregamente, longamente, embriagadamente, sorvendo o sabor d'esse beijo em que havia o fogo da luxuria, o travor do crime e o venenoso mel d'uma degradação. Subito, porém, mordeu-a com odio, com horror, e sacudiu-a, numa revolta brusca. Ella soltou um gemido, e, como um tigre que vê sangue, a furia d'elle cresceu. Tomou-lhe os cabellos, passou-lh'os á roda da garganta, quiz enforca-la nelles.

Matal-a por lhe encarcerar o seu espirito numa jaula feita de perguntas e por, a todo o instante, se divertir passando, com um sorriso, junto ás grades sem nunca lhe responder. Estrangulal-a para que ficasse a menos uma cobra capaz de filar um boi p'la focinheira e cansal-o em continuos movimentos de vae-vem, até o ver cahir, morto p'la fadiga, para, depois, regaladamente o devorar ou desprezivelmente deixar a apodrecer.

Ella erguia, e agitava na noite, os braços nus, muito pallidos e muito fracos, como os de um crucificado de marfim.

— Ouvê... Estás a maguar-me... Tu não ouves?!

Os dedos d'elle, apertando, encontravam uma carne tepida que cedia á sua força e, a seguir, uns ossos que prontamente estalariam, partindo como caudos secos. Encarou-a. E, atravez da sua allucinação, viu a fraqueza, a debilidade d'aquelles bracitos nus que não luctavam, que nem sequer podiam defender-se e que apenas sabiam inventar caricias ou implorar perdões. Uma sensação de crime covarde, de crime sem grandeza, que acabaria com aquella vida que se entregava e obedecia como a d'um pobre animal no matadouro, deixou-o inerte, gelado, com horror de si proprio.

Largou-lhe os cabellos, empurrou-a para dentro, e, amarfanhando a carta, atirou-lhe com ella e fugiu.

Desceu a cambalear. Não se sentia, não se encontrava. Um soffrimento desvairado tomava-o todo, e, ao mesmo tempo, continuava a observar quanto

em si se passava, tudo quanto a noite dizia, e pensava até na sem-razão do extranho absurdo do seu soffrimento immenso.

A ventania uivava como alcateias. O nocturno veio buscar a gorgeta. Atirou-lh'a com asco, e partiu a correr, a caminho de casa, numa carreira instinctiva como a d'uma fera para o covil.

Bategas de agua, puxadas p'la ventania, vinham bater-lhe na cara, nas mãos e nos cabellos. Mas uma força invencível levava o num turbilhão. Não tinha comido nada em todo o dia. Fumara, passeara continuamente. Nada existia para elle além do seu tumultuar intimo. Tinha constantemente medo de endoidecer. E, no emtanto, nenhuma fadiga sentia, e continuava a correr, noite fóra, atravez da ventania e da chuva, vendo-se com espanto assistindo ao seu delirio sem mesmo se reconhecer.

Só em casa abateu uns instantes sobre um maple, com as fontes a latejar. Tinha a impressão de um accesso febril. Onde iria elle? Até onde conseguiria levar-o toda essa vida que lhe não obedecia, que extravazava, como um rio que rebenta diques e comportas — e passa além de tudo só levado p'la sua imperiosa e cega furia de innundar?

Mas como era curioso! E parava observando-se, analysando, como se não fosse elle que soffresse ou não fosse elle que observasse.

Pelo quarto havia um silencio lugubre, uma atmospherá espessa, carregada, cheia do odor das grandes horas de amargura ou de exaltação concentrada. Deu por isso e também p'la fadiga soturna que se exhalava de cada movel e que pairava na propria luz. Começavam as coisas a ter aspectos de fim, d'um fim doloroso e tragico em que se sentia a morte.

Abriu as janellas. Como vagalhões nos costados d'um barco, no alto mar, as rajadas do vento quebravam, aos uivos, de encontro ao casario. Elle queria retomar-se. Agitava-se como um naufrago. Argumentava comsigo.

Tinha já feito o que queria. Estava tudo acabado. Mas não se contentava. Não a despresara bastante, e o que lhe dissera na carta era pretencioso, insignificante, falso. Nenhuma d'essas phrases engommadas e lustrosas como bons collarinhos levavam alguma cousa do que nelle havia.

Tinham sido escriptas pensando nella, na sua compostura, nas suas attitudes, nos seus cynismos! Os periodos estavam cortados obedecendo ás linhas dos seus gestos e a expressão era a dos seus sorrisos, e a dos sorrisos que elle mais odiava. Para a ferir pedira lhe as suas armas, transigira, e acabara por se mostrar como uma alma igual á d'ella.

Não, não podia ser! Que formidável desconcerto entre o que sentira e o que dizia nessa carta! Não! Era preciso dizer-lhe tudo, dizer-lhe até porque tivera a ignobil fraqueza de a beijar; e dizer-lh'o não com o ar caro e facetado d'uma bugiganga de luxo, mas com todo o poder que nelle rugia.

Correu para a sua mesa de trabalho, e toda a descripção da noite, do temporal, dos seus odios, dos seus despezos, do seu raivar intimo, passou para o papel, febrilmente, sem uma emenda, numa lettra enorme, irregular, cheia de traços carregadissimos.

Esfarrapava-a, e esfarrapava-a com delicia, como uma fera que dilacera uma presa, sacudindo-a nos dentes. A's vezes desesperava-se que a sua caneta não fosse um bisturi e que, em lugar de escrever sobre uma folha de papel branco, não estivesse a retalhar-lhe o corpo lentamente, miudamente, até lhe encontrar o coração para lh'o mostrar como elle era, para ella ver bem como, apesar de tudo, não conseguia enganar-o.

De quando em quando corava; mas desculpava-se pensando que descia a dizer-lhe tanto só por soffrer a indignação de ella julgar que elle não via.

Acabou a carta de madrugada. Releu-a. Não era uma carta: era o capitulo d'um livro. E em toda ella, afinal, não havia desprezo, não havia odio, não havia vontade de a atirar para longe e nunca mais a ver. Em toda ella o que havia era uma alma retalhada por mil golpes, a sangrar paixão. E tudo quanto de mau, de inferior, de infame e de reles dizia d'ella feria-o apenas unicamente a si!

Que horror! Como elle gostava d'ella! Que horror! Como elle gostava d'ella! E tombou sobre a mesa a soluçar.

Fóra o vento e a chuva ululavam e gemiam. As luzes bruxuleavam como os cirios d'um enterro. E elle continuava a soluçar.

Por fim ergueu-se num impeto, sem uma lagrima, um extranho brilho nos olhos e uma funda prega unindo-lhe com fôrça as sobrancelhas.

Foi direito á alcova. Vestiu-se, perfumou-se. E tornou a sahir, a caminho dos clubs, dos bars, dos cabarets, dos lupanares, sem bem saber se devia sentir-se um palhaço ridiculo, se um soldado atirando-se para o meio da refrega, em busca da morte ou da libertação.

ANTONIO DE SÈVES